

---

## **Insólito gótico-marítimo: vestígios de um folclore insular em “A força dos sentidos”, de Jean Garret<sup>1</sup>**

Juliana Cristina Borges Monteiro<sup>2</sup>

Tiago José Lemos Monteiro<sup>3</sup>

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE/UAM

Instituto Federal do Rio de Janeiro – IFRJ

### **Resumo**

O presente trabalho visa examinar os conceitos que definem o folk horror abordados por Adam Scovell e Mikel J. Koven a luz do cinema brasileiro abordando como filme objeto o longa de Jean Garret *A Força dos Sentidos*. A fim de revisitar o filme com um olhar que extrapola o fantástico e enxerga a produção como um dos exemplares de folk horror no cinema brasileiro, o debate também se estende para quais os fatores definidores do folk horror no Brasil.

**Palavra-chave:** cinema brasileiro; horror; folk horror.

O cinema de horror é marcado por uma enorme diversidade de convenções, terrenos e estilos. Algumas das histórias deste gênero se utilizam de narrativas folclorescas para acionar o horror numa região de isolamento envolvida por figuras de moralidade questionável. Este é o caso do *folk horror*.

Para Adam Scovell, autor do livro *Folk Horror: Hours Dreadful and Things Strange*, o filme de folk horror pode ser lido a partir de um conjunto de traços narrativos com consequências interligadas, as quais chamou de Folk Horror Chain<sup>4</sup>. Dentro dessa cadeia, o autor identifica elos cruciais que destacam este modelo de filmes de demais produções dentro do horror, sendo o primeiro deles a *paisagem*, o segundo o *isolamento* e o terceiro o *acontecimento* (2017, p.26). Mesmo que Scovell tenha construído algumas definições a partir do cânone britânico, o autor assume que o folk horror é melhor visto não como um conjunto de critérios, mas sim como uma forma de abrir discussões sobre trabalhos sutilmente interconectados (2017, p. 14). De maneira próxima, Mikel Koven

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP de Cinema, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco e Professora de Cinema e Audiovisual na Universidade Anhembi Morumbi – UFPE. E-mail: [jullyc22@gmail.com](mailto:jullyc22@gmail.com)

<sup>3</sup> Professor efetivo do Curso de Produção Cultural do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, responsável pelo Núcleo de Criação Audiovisual (NUCA). Doutor em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: [tjmonteiro@gmail.com](mailto:tjmonteiro@gmail.com)

<sup>4</sup> Em tradução livre, Cadeia do Terror Popular

observa que a cadeia de Scovell pode ser melhor interpretada quando o folk horror acontece na convergência de três fatores: o pagão, o rural e o folclórico/tradicional (2023, p.258).

A partir destas considerações, se destaca ainda uma questão: a que folclore nos referimos? Para Keetley, as definições do horror popular surgiram quase que exclusivamente no contexto do *folk horror* britânico; logo, o mesmo modelo, em outras tradições nacionais, não se encaixará (2020). Ainda assim, Scovell destaca que não existe uma marca definidora para o conjunto de filmes: cada país tem seu próprio “folk” e assim terá também suas próprias convenções sobre o *folk horror* (2017, p. 18). A partir destes temas centrais, uma pergunta importante ressoa: existem filmes de folk horror no Brasil?

A década de 1970 se configurou como uma das épocas mais férteis nos termos das incursões do cinema brasileiro pelas veredas do horror. Nesse cenário, o nome do realizador, produtor, roteirista e eventual ator Jean Garrett se destaca por inúmeras produções e dentre elas histórias sobrenaturais com *A Força dos Sentidos* (1979). A história se passa à beira-mar, numa pequena comunidade de pescadores que recebe a visita de Flávio, escritor à procura de inspiração. Flávio se sente atraído por uma jovem, filha de um pescador: a enigmática Pérola, que faz incursões noturnas à beira do mar. Todas as noites, o mar devolve à praia o corpo de um homem nu. Ele e Pérola fazem amor, mas ela sempre precisa lançá-lo ao mar pela manhã.

Nas ocasionais incursões do cinema brasileiro pelas veredas do horror sobrenatural, a representação do espaço doméstico como *lócus* do medo assumiu formas bastante peculiares. Uma vez que a tradicional ambientação herdada do gótico europeu parecia incompatível com determinadas características da nossa realidade sociocultural, *A Força dos Sentidos* dá lugar a interpretação de um folk horror à brasileira, pois se vale das características pertinentes ao subgênero britânico na qual a história aborda tanto o isolamento, quanto a sensualidade atrelada ao misticismo onde as linhas entre o real e o sobrenatural ou o primitivo se borram, criando uma atmosfera de perturbação e ameaça que emana do próprio local e de suas “tradições” não convencionais.

## Referências

CÁNEPA, L; MONTEIRO, T. Noite em chamas, os anos 1970 sob as lentes de Jean Garrett. *Significação*, São Paulo, v. 46, n. 52, p. 60-82, jul-dez. 2019.

KEETLEY, D. Introduction: Defining Horror. **Revenant Journal**. Falmouth, 2020. p. 1-32.  
Disponível em <<http://www.revenantjournal.com/contents/introduction-defining-folk-horror-2/>>  
Acesso em 25 de setembro de 2021.

SCOVELL, A. **Folk Horror: Hours Dreadful and Things Strange**. 1 Ed. Liverpool: Auteur Publishing, 2017.

KOVEN, M.J. Folk Horror. The Futures for Folk Horror. In: BACON, S. (org). The Evolution of Horror in the Twenty-First Century. Lanham: Lexington Books, 2023. p. 245-258.